

Mineiros sempre souberam escolher

GLADSON DA ROCHA
Arquiteto

Toda a população brasileira está tomada do maior suspense relativo à indicação do nome que deverá vestir a camisa nº 10 do Palácio do Buriti — o futuro governador do Distrito Federal.

No trabalho, nas ruas, nos restaurantes, nos clubes, nos bares, nas recepções sociais e na imprensa local sente-se uma indagação constante: quem será o nosso governador?

Há muitas razões que justificam esta grande expectativa, a começar pelo fato de ser o primeiro governador do Distrito Federal a ser indicado pela Nova República, após 20 anos de governo militar.

A escolha correta desse personagem é de importância transcendental para o futuro bem-estar da nossa gente.

No desenvolvimento de cidades novas, certas opções administrativas são irreversíveis. Qualquer deficiência maior, ou menor, nas decisões assumidas, quem paga é o contribuinte, é toda a comunidade. Já é tempo de se ter um pouco mais de respeito pelos dinheiros públicos.

Como cidadão, optei em outubro de 1956 por morar na futura Nova Capital, e, como arquiteto, estou radicado em Brasília há 26 anos, onde participei da equipe da Novacap que desenvolveu o Plano Piloto para a implantação de Brasília.

Tenho me pronunciado com frequência sobre os problemas locais de arquitetura e planejamento urbano através de entrevistas e artigos publicados na imprensa local. Por esta condição de pioneiro participante tenho sido abordado muitas vezes por amigos e pela própria imprensa com a mesma pergunta: como e quem será o nosso novo governador?

Sabe-se que é da atribuição exclusiva do Excelentíssimo Senhor Presidente da República eleito a indicação do futuro governador do Distrito Federal.

Confesso que a referida atribuição não poderia estar em melhores mãos. É só lembrar alguns precedentes que marcaram a presença da sensibilidade mineira na história de nossa arquitetura.

Em 1936, graças à liderança de um ilustre mineiro, na época, o ministro Gustavo Capanema, uma magnífica equipe composta de arquitetos, engenheiros, artistas plásticos e paisagistas projetou e construiu um dos mais importantes edifícios do nosso tempo, o antigo Ministério da Educação e Saúde, na Esplanada do Castelo da Cidade do Rio de Janeiro. Foi a 1ª grande contribuição federal ao movimento de arquitetura contemporânea no Brasil.

Por iniciativa de dois outros ilustres mineiros, o governador do Estado de Minas Gerais, senhor Benedito Valadares e o então prefeito de Belo Horizonte, doutor Juscelino Kubitschek de Oliveira, em 1942, o arquiteto Oscar Niemeyer foi convidado para projetar a famosa obra da Pampulha. Era a vez da importante contribuição estadual ao movimento da arquitetura contemporânea no Brasil.

Posteriormente, em 1956, o presidente Juscelino convidou o arquiteto Oscar Niemeyer para ajudá-lo a

construir Brasília. Classificado em 1º lugar no concurso estabelecido para a elaboração do Plano Piloto da Nova Capital, Lúcio Costa une-se a Oscar Niemeyer para, juntos, liderarem as equipes de arquitetos e urbanistas do Departamento de Urbanismo e Arquitetura (DUA) da Novacap. A qualidade dos principais projetos de nossa Nova Capital estava assegurada com a presença e a liderança de Oscar e Lúcio graças à visão e à iniciativa de mais um saudoso mineiro, Juscelino Kubitschek de Oliveira, o mais querido de todos os nossos presidentes. Era a segunda grande contribuição federal ao desenvolvimento da arquitetura e do urbanismo contemporâneo no Brasil.

Agora, na composição do novo Governo em todos os escalões, mais um admirável mineiro, com a sua extraordinária visão política assume a Presidência da Nova República para indicar também o próximo Governador do Distrito Federal. E o fará, com certeza, guiado pela sua sensibilidade, sua capacidade de liderança e pelo jeito mineiro de comportar situações.

Assim, teremos o privilégio da indicação de um novo governador do Distrito Federal que não seja somente um amigo de confiança do senhor presidente eleito, ou um político, médico, advogado, economista, arquiteto ou um engenheiro qualquer no desempenho de um cargo de confiança, mas um governador que tenha demonstrado nas suas atividades anteriores uma formação cultural e humanística superior, condição indispensável para uma percepção mais ampla dos problemas que nos afligem e suas respectivas soluções mais adequadas no espaço-tempo. Essa condição indispensável pode ser em parte compensada por uma intuição extra-sensorial.

A todo cargo de confiança maior corresponde uma série de outros cargos de confiança menores que são, quase sempre, preenchidos pelos amigos ou conhecidos mais próximos do executivo maior. É natural que assim seja. Moral da história: quanto mais elevado for o nível cultural e a formação humanística do futuro governador, mais eficientes serão os seus Secretários de Estado e toda sua equipe de governo. Seria gratificante para todos nós, brasileiros, que fosse usada a prata atuante da casa.

E por essa razão que o Ministro Capanema tinha como auxiliares imediatos, entre outros, Carlos Drummond de Andrade e Rodrigo M. F. de Andrade que, por sua vez, requisitou para a Diretoria do Patrimônio profissionais do nível de Lúcio Costa, Renato Soeiro, Alcides da Rocha Miranda, Paulo Thedim Barreto e outros que contribuíram para que a grande obra programada pelo ministro Capanema fosse executada.

Com os precedentes lembrados, além de muitos outros não comentados por falta de espaço, vamos aguardar confiantes na opção do Excelentíssimo Senhor Presidente recém-eleito, por um governador para o Distrito Federal que se identifique com a responsabilidade ministerial que o cargo exige.

Gladson da Rocha. Brasília, 25/2/85.